

## BREVE APRESENTAÇÃO DA OBRA *CORAÇÃO DO TEMPO* (2020), DE MARIA ZÉLIA VALE DE OLIVEIRA

ÁVILA, Deivide de Almeida<sup>1</sup>  
SACRAMENTO, Ozana Aparecida do<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma breve apresentação da obra *Coração do tempo* (2020) da poeta Maria Zélia Vale de Oliveira (1941). Nos versos da poeta xaveriense, o ato de rememoração reconstrói, por meio da imaginação, as vivências da voz lírica em pequenas cidades do interior mineiro. Desvelando a natureza ilimitável da memória, a escrita de Oliveira, recompõe sua história e a coletiva sobre um cotidiano em que a família, tradições, os habitantes de sua vila, a natureza e até seus diálogos literários constituem matéria para a criação literária em que as temporalidades se inter-relacionam. Para contribuir com essa investigação, recorremos a estudos teóricos de Silvina Lopes Rodrigues, dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coração do tempo, Memória, Poesia, Imaginação.

### Introdução

Este trabalho se propõe realizar uma breve apresentação da obra *Coração do tempo* (2020) da poeta Maria Zélia Vale de Oliveira (1941). Nesta obra, foram reunidos poemas nos quais a poeta discorre sobre os acontecimentos do cotidiano familiar e das duas pequenas cidades nas quais viveu; reflete sobre temas diversos, inclusive sobre suas leituras.

Embora o objetivo primeiro seja dar a conhecer a obra citada, no decorrer do texto serão destacados os aspectos memorialísticos que são bastante evidentes na escrita poética de Oliveira. Optou-se aqui por comentar sobretudo o conteúdo dos poemas. Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico apoiado, principalmente, em estudos de Silvina Lopes Rodrigues (2012) entre outros que permitirão relacionar a escrita poética e a rememoração.

A escrita poética é reveladora de um profundo exercício de memória que sempre compartilha sentimentos, visões de mundo em âmbitos sociais e culturais. Muitas vezes, temos

1 . Mestrando em Letras na linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural pela Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

2 .Doutora em Literatura Comparada (UFMG), professora do IFSudesteMG – campus São João del Rei. E-mail:ozana.sacramento@ifsudestemg.edu.br

a memória como intermediadora e construtora da escrita poética. A escrita memorialística passeia entre fatos e utopias, também, entre as imagens da imaginação e da memória em tempos vários, inclusive o tempo da leitura.

É nessa perspectiva que lemos o livro de poemas *Coração do tempo*, da poeta mineira, natural de Coronel Xavier Chaves (conhecida por Coroas), Maria Zélia Vale de Oliveira. Trata-se de um volume de 159 poemas, dividido em três capítulos que contêm escritos que buscam suas experiências de vida, verbalizando-as por meio de uma linguagem, por vezes, regional e a qual dialoga com outros escritores e outras obras. Percorrendo tempos, espaços e personagens, a escrita da poeta revisita estórias caras a ela que; através de uma linguagem intimista, da intertextualidade, da metamemória dentre outros recursos, (re)escreve fatos do cotidiano, acontecimentos corriqueiros em pequenas cidades do interior mineiro nos meados do século passado e começo deste.

Dona Zélia, como era conhecida, formou-se em Pedagogia na Faculdade Dom Bosco de Ciências, Filosofia e Letras (atual Universidade Federal de São João del Rei), foi professora e, posteriormente, diretora da Escola Municipal de Coronel Xavier Chaves, além de supervisora em algumas escolas na cidade de São João del Rei para onde se mudou. Maria Zélia incorporou por anos, primordialmente, os papéis de mãe e professora. A vocação para a escrita a acompanhou desde sempre, mas foi após a aposentadoria que teve tempo de “desenterrar palavras há tanto tempo estancadas” e dedicou-se ao poetar. Porém, não pôde ver seus poemas publicados em vida. D. Zélia faleceu em 2019 e a obra *Coração do tempo* foi publicado em 2020 pelos seus filhos, mas uma versão preliminar com vários de seus poemas já circulava entre familiares. Há que se observar que a seleção de poemas para a obra, que ora apresentamos, não é exatamente a mesma da versão preliminar, já que alguns poemas foram suprimidos, outros acrescentados. A título de exemplificação, transcrevemos o poema “Barreiras” que não consta da obra objeto deste estudo:

Pedras ... Pedras ... Muitas pedras...  
Óbices na minha passagem,  
empilhei no tempo.  
De lágrimas, silêncios e alienação  
preparei a argamassa,  
alcei no espaço,  
égide de mim,

álgida e sólida construção.

Busco em vão no escuro  
 escada, pá, picareta,  
 qualquer ferramenta  
 que possa me ajudar  
 a arriar ainda em tempo,  
 as paredes desta sórdida construção!<sup>3</sup> (OLIVEIRA, 2005, s/p.)

Os versos cunhados pela poeta são, em parte significativa, elogios à vivência no interior, na microrregião do Campo das Vertentes, a situações rotineiras que, por vezes, passam despercebidas. O tom da lírica, em versos simples, é, no mais das vezes, otimista e positivo e engrandecem a vivência no interior de Minas Gerais com suas tradições e peculiaridades. Ao celebrar essas manifestações/sensações, o sujeito poético, de certa forma, também celebra a vida com seus dissabores, pequenas alegrias, afetos vários.

*Coração do tempo* se apresenta dividido em três partes, denominadas capítulos, a saber: “Canto de menino”, “Histórias para não esquecer” e “Coração do tempo”. O primeiro capítulo aborda as aventuras da menina Zélia, dos filhos e dos netos e ainda a fauna, a flora e outros elementos da natureza com as quais o sujeito lírico teve algum contato, como no sugestivo “O pé de manacá” em que a essa árvore ornamental, tão comum nos jardins e quintais mineiros, ganha a companhia de um sabiá com ares gonçalvinos:

Lá no fundo do quintal  
 Há um pé de manacá  
 Onde canta um sabiá.

Junto ao pé de manacá  
 Gosto muito de ficar.  
 Lá tenho perfume ... Ummmm!...  
 E canto do sabiá. (OLIVEIRA, 2020, p. 28)

Passando para o reino infantil, temos o poema “Brincando de escola”:

De vara e sineta na mão,  
 A pequena professora:  
 – Atenção criançada! A chamada!  
 Ana Paula!

3. Não nos foi possível averiguar junto aos familiares quais foram os critérios utilizados para a seleção dos poemas que integram a edição que estamos apresentando.

Não veio à aula.  
 Conceição!  
 Também não. (OLIVEIRA, 2020, p. 29)

Nessa toada, a pequena professora prossegue a chamada sempre rimando o nome dos alunos, até que chega a diretora e, em seguida, a aula termina. Essa e outras brincadeiras vão constituir uma das matérias da poética de Maria Zélia Vale de Oliveira.

As pessoas, acontecimentos e paisagens das pequenas cidades mineiras, em meados do século passado, integram o segundo capítulo – “Histórias para não esquecer” – como a chegada e a partida do velho ônibus que carrega passageiros, suas venturas e seus problemas. A pacata cidade para a fim de apreciar o acontecimento que movimenta a pasmeira do ramerrão diário, no poema “A velha jardineira”:

Eis que chega a jardineira!  
 Entre rancos e tremedeiras,  
 Devaneios e muita, muita poeira.  
 Nas janelas, quanta gente!  
 Nas portas e nos alpendres,  
 Nos bares e nos armazéns.

Ninguém pode, ninguém quer,  
 O espetáculo perder!  
 [...]  
 De Resende Costa parte bem cedo,  
 Embarca passageiros em Coroas.  
 Seu destino? São João del-Rei.  
 [...]  
 Na tarde bucólica tudo se transforma  
 Tudo se transforma!

Vivos e mortos embarcam  
 Nesta velha jardineira. (OLIVEIRA, 2020, pp. 61-63)

O dístico final modula inequivocamente a reminiscência, posto que na jardineira embarcam os vivos, ou seja, aqueles que, como o sujeito lírico, são capazes de evocar os passageiros e suas singularidades, o trajeto; bem como os mortos – pessoas e eventos – redivivos pelo exercício tanto da memória quanto da imaginação e até mesmo o substantivo que designa o veículo de transporte coletivo remete a um passado algo bucólico.

O último capítulo aborda principalmente temas tocantes à maturidade, como a passagem do tempo, a morte dentre outros. No poema “O rio”, a voz lírica equipara o envelhecer a um rio que segue seu curso rumo ao desconhecido:

A velhice é um rio  
De superfície límpida e tranquila,  
Mas que abriga em seu abismo  
Relíquias que vibram.

A velhice é um rio  
Que flui entre o apogeu e seu declínio,  
Domado pelas contingências de seu caminho,  
Sem sobressaltos, sem transbordamentos,  
Rumo a um oceano desconhecido. (OLIVEIRA, 2020, p.137)

Há que se notar nesta comparação a presença da inexorabilidade do tempo e a memória metaforizada em abismo no terceiro verso. E neste abismo o vivido é relíquia, mas diferentemente de um baú, museu ou qualquer outro repositório de relíquias, nesse abismo-memória as relíquias-lembranças não estão inertes, elas vibram reiterando o movimento do rememorar no qual a temporalidade não se restringe a um caminhar retrospectivo, ou seja do presente ao passado, mas aponta também para o futuro.

Muitos são as imagens que emergem na fronteira difusa entre vivido e o lembrado e, de acontecimentos limitados por um tempo e espaço, convertem-se em algo infinito, pois: “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limite, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.” (BENJAMIN, 1985, p. 37). Assim, pode-se dizer que criação poética, em geral e aqui especificamente a de Maria Zélia, resulta da memória, posto que ela “aparece como faculdade de base” (BOSI, 1977, p. 204). Na poesia de Oliveira, a memória atua (re)elaborando o vivido ou o imaginado pela poeta.

### **As várias faces da memória**

O poeta Manoel de Barros anuncia em seu poema “As ligações de R.Q.”, do *Livro sobre nada*, que “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê” (BARROS, 1997, p.75). Ou seja, experimenta-se um presente que mais tarde o ato de lembrar busca rever, porém o passado

é irreduzível aos anseios de totalidade, posto que é irrecuperável em sua integridade. Então o “transver” indica que os fatos são reconstruídos pela ação da imaginação e não retirados da memória como completude.

A memória e imaginação não têm fronteiras definidas por promoverem a recordação e o esquecimento. Silvina Rodrigues Lopes, em seu ensaio “Poesia, memória excessiva”, revisita a questão da criação literária e o contributo da memória para tal criação. A memória se torna parte do processo de criação poética, não sendo, assim, apenas um registro de acontecimentos passados ou um fim desse processo:

É na poesia, e a partir da poesia, que o pensamento encontra a memória como questão suprema, aquela de que depende o nosso viver num mundo em devir, a nossa capacidade de reunir, em cada instante, um antes e um depois pela operação de uma faculdade primeira, que anima todas as outras faculdades, a memória (LOPES, 20212, p.47).

O passado é, então, uma potência que reconstrói o presente e seu excesso é a urdidura da matéria poética.

Como já se observou, na obra de Oliveira não se encontra apenas as reminiscências de suas experiências individuais, mas também o dia a dia, a “vidinha” do interior mineiro, posto que o que se experimenta interliga-se, de alguma forma, às vivências coletivas. Para Maurice Halbwachs (1990), o grupo é base para o desenvolvimento da memória interior do indivíduo. Assim, o recordar é um movimento incessante entre a memória individual, privada e a pública, coletiva. Desse modo, a memória pessoal está entranhada na memória histórica, pois a ação de lembrar remete a instituições sociais em que o indivíduo está inserido; família, escola, trabalho, igreja e outras.

A poesia de Zélia Oliveira não trata apenas de rememoração de acontecimentos pretéritos, mas de uma espécie de abertura para inúmeras possibilidades. E assim, há que se considerar a perspectiva da leitura, do diálogo com outros textos, tanto no que tange ao receptor da obra de Oliveira, quanto às leituras-diálogos realizados pela autora. Conforme assevera Lopes:

Pensar o poema como memória que não se extingue, justamente porque é memória enquanto operação, isto é, memória activa, forma dinâmica e não mecanismo, implica

considerar nele a dimensão da leitura como constitutiva. Quer dizer, admitir que os seus limites, finitos, encerram um potencial infinito de memória, e não apenas um conjunto de recordações que o seu autor nele colocou. Como núcleos poéticos, as imagens funcionam como recordações que se transcendem, que abrem corredores para as emoções, ou melhor, que funcionam como “correlativo objectivo” (Eliot) (LOPES, 2012, p. 57).

A obra de Oliveira evidencia o diálogo com diversos temas, nos quais ficam claros os contatos e as fricções realizadas em seu discurso, para que os intertextos possam se adaptar a sua escrita, comprovando, assim a existência de uma memória da intertextualidade enquanto processo de trocas e contatos entre textos, sejam eles literários ou não-literários.

Para José Luiz Fiorin (1994, p.30), a intertextualidade se constitui como um processo de apropriação de um texto por outro. O texto resultante da operação intertextual pode confirmar ou alterar, por meio de alguns mecanismos, tanto as estruturas quanto o sentido do texto primeiro. Muitas obras literárias apresentam o recurso recorrente da intertextualidade num intenso processo de referências a outros artistas e obras das mais diversas linguagens estéticas e de períodos.

Nos poemas de *Coração do tempo*, essa profícua interlocução se apresenta como recurso para a resignificação poética. Tais diálogos são, por vezes, muito sutis e outras mais ostensivos como lemos no poema “Paródia da CANÇÃO TONTA DE GARCIA LORCA”:

- Mãe, dá-me um vestido de princesa?  
 - Ah! Meu bem!  
 Rasgou-se na carruagem do vento.  
 - Mãe, dá-me um espelho mágico?  
 - Ah! Meu bem!  
 Quebrou-se na carruagem do vento.  
 - Mãe, conta-me uma história de fadas e de princesas?  
 - Agora mesmo! (OLIVEIRA, 2020, p.22)

Como os escritores Hilda Hilst<sup>4</sup> e Carlos Drummond de Andrade<sup>5</sup>, entre outros, Maria Zélia presta homenagem ao multiculturalista espanhol Federico Garcia Lorca (1898-1936), como ela mesma disse, parodiando um poema do escritor<sup>6</sup>. No poema de Oliveira, a menina vai

4. Hilda Hilst escreve o poema “Poema V – A Garcia Lorca”, no capítulo intitulado Poemas aos homens de nosso tempo, da obra *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*.

5. Carlos Drummond de Andrade versa “A Federico Garcia Lorca”, poema presente em sua *Antologia Poética*.

6. Canción Tonta, publicado em *Canciones – para niños* (1921-1924).

pedindo à mãe coisas “possíveis” no imaginário infantil e as respostas maternas são negativas, pois todos os objetos solicitados acabam por se perder “na carruagem do vento”, em algo “irreal”. Até que a criança encontra uma resposta positiva quando pede à mãe algo que pode ser realizado. No poema de Lorca, o filho pede para mãe bordar seu nome na fronha, já em Maria Zélia, a filha tem seu pedido atendido quando solicita a contação de uma história de fadas e princesas. Na canção de Lorca atende-se a um pedido realizável numa esfera material/física, ou seja, o bordado na fronha, enquanto na reescrita de Oliveira o pedido permanece no plano do imaginário e do verbal, isto é, no poema parodiado, somente o imaginário é realizável.

Além desse diálogo explícito com a canção de Garcia Lorca, notam-se outros contatos da poeta. É o que se verifica no já mencionado “O pé de manacá” e em que ouvimos um sabiá que ecoa “A canção de exílio” de Gonçalves Dias.

Em “O passeio de trem” reverbera a sonoridade do “Trem de ferro” de Manuel Bandeira. Este poema foi escrito em 1936 pelo poeta modernista e lança mão de um ritmo e musicalidade particulares, os versos que compõem o poema são marcados por oralidade, e retrata uma época do Brasil. A inexorabilidade da morte, assim como no poema “Consoada” de Bandeira, apresenta-se em “Quando vieres”: “Como vento insano do outono, / Como as sombras e mistérios da noite, / Como do verão o cálido abraço, / É tão certo que virá!” (Oliveira, 2020, p.147). No poema bandeiriano, a morte encontrará um sujeito lírico sereno com a certeza do dever cumprido, já no poema de Oliveira, o eu-lírico ainda tem afazeres, o que viver: “Mas tem calma! / Nem acabei de regar/ As roseiras do meu pomar!” (Oliveira, 2020, p.147).

A poeta xavierense alude ao poema “Retrato” de Cecília Meireles em versos de “Calidoscópico”. Assim como no poema de Meireles, a voz lírica não se reconhece diante do espelho:

Espelho, espelho meu!  
Cruel, mas tão verdadeiro!  
Quem sou eu?  
[...]  
Espelho, espelho meu!  
De quem é essa face triste,  
Esta efígie que me fita,  
Plagiando gestos meus? (OLIVEIRA, 2020, p.89).

Até mesmo vestígios de poemas do escritor francês Arthur Rimbaud podem ser encontrados na escrita de Oliveira. Os versos “Que em barco embriagado me leva?” (OLIVEIRA, 2020, p.106) e “Quando meu barco embriagado” (OLIVEIRA, 2020, p.108) pertencentes aos poemas “Envelhecendo” e “Esperança”, respectivamente, remetem ao título de um dos mais famosos poemas de Rimbaud – “O barco bêbado”.

Dessa forma, a poeta dialoga com escritores e traz para sua escrita essas memórias de leitura. Ou como se costuma dizer no interior de Minas Gerais, ela traz para seus poemas a prosa com outras escritas e, por meio dessa intertextualidade, que é memória, remodela suas vivências e leituras. E assim, a poeta entremeia suas leituras com os singelos ou importantes acontecimentos construindo e atualizando vivências e leituras.

Oliveira, ao dar vazão às lembranças do vivido, não almeja a reconstrução do passado em sua completude, mas a possibilidade de dar sentido ao que se pesca nesse lago profundo que é a memória. Segundo Silvina Rodrigues Lopes (2003, p.61):

O que se «narra» do acontecimento não é nada que tenha acontecido em definitivo num passado, algo encerrado no passado, mas a potência do acontecer própria do acontecimento - aquilo que nele se actualiza e nele permanece inactual depende da faculdade de dar sentido às sensações, isto é, de construir o recordável delas.”

Esse recordável encontra-se na gênese do fazer poético de Maria Zélia Oliveira. Na orelha do livro lê-se a informação que a poeta começou a escrever após a morte de sua mãe, aquela que lhe marcou fortemente e que lhe contava histórias. Possivelmente esse seja um dos motivos de a figura materna estar presente em tantos poemas, como em “Vem”

Vem, mãe, acende a lamparina,  
As labaredas adormecidas nas cinzas do fogão,  
Mãe, acende também a minha chama!  
O vento uiva, varrendo o jardim e a varanda,  
Espalhando folhas de velhas lembranças.  
Esqueçamos a tempestade lá fora, mãe!  
Senta-te bem perto de mim,  
Aqui no paraíso da cozinha.  
Conta-me casos antigos,  
Casos de um jardim longínquo e encantado  
Que ecoam ainda dentro de mim.  
[...]

A vida também é uma história, mãe!  
 Misteriosa, breve, triste e linda!  
 Vem, senta-te aqui perto de mim! (OLIVEIRA, 2020, p.54)

Além desse poema em que se evocam as lembranças das histórias contadas no aconchego da cozinha da casa da mãe, a figura materna emerge e revela o quanto a filha vai se assemelhando a esta figura em “Súbito reflexo”:

Teu semblante me perscruta, mãe.  
 Tristonho e penetrante  
 quando me contemplo ao espelho.

Revela teus segredos,  
 Gêmeos dos meus.  
 Solilóquio de seda,  
 Que só persiste  
 No prado silente da saudade e da solidão. (OLIVEIRA, 2020, p. 155)

A presença materna é marcante e aparece em outros poemas. Porém, a maternidade não se resume às reminiscências da mãe. A maternidade é como terra fértil, como num jardim e os filhos como flores deste. Ademais, a mãe é ainda metaforizada em ninho e nuvem, em anjo e tigre em poemas como “Mãe”, “Minha mãe”, “Coração de mãe”, “Nasce o filho”, “Convivência”, “Travessura”, “Memória”. Assim, poderíamos afirmar que a poeta reserva à mãe uma das facetas de suas memórias e, ao trazer as lembranças de sua mãe, entrelaça sua própria maternagem à da sua mãe.

Outra face das memórias em *Coração do tempo* é aquela que remete à vida interiorana do século passado. Trata-se das atividades infantis como subir em árvores, colher frutas, nadar no rio, fazer travessuras. E ainda outros aspectos da tradição e história de Minas Gerais são observados, tais como os doces e o café feitos no fogão à lenha, as quitandas, a moagem da carne de porco, a festa junina, as festas religiosas, a igreja de pedra de Coroas, os sinos e sua linguagem, os carros de bois, os trens, as lavadeiras trabalhando na beira do rio:

As lavadeiras da vila  
 Vêm descendo a ladeira,  
 Negras e faceiras,  
 Balançando as cadeiras,  
 Bacia de roupa na cabeça,  
 A caminho do rio.

[...]  
 Com água, sabão e coração,  
 Lavam as roupas as lavadeiras da vila,  
 Também os corpos e as mágoas de cada dia.

Vão subindo a ladeira,  
 Balançando as cadeiras,  
 Bacia de roupas na cabeça,  
 Tão cheirosas e faceiras,  
 As lavadeiras da vila! (OLIVEIRA, 2020, p. 64)

A lavagem de roupas no rio, ofício herdado do trabalho exercido por mulheres escravas e mucamas do período colonial, era desempenhada à beira dos rios ainda límpidos de meados do século passado. As lavadeiras e seu ofício deixaram uma lembrança positiva no eu-lírico. Vale destacar a imagem das lavadeiras como aquelas que, durante a atividade de lavagem de roupas, também lavam mágoas. A poeta recorre à simbologia da água como elemento purificador. Além desse antigo ofício, tradições das cidades em que a poeta viveu também são lembradas pelo eu-lírico. Dentre elas, estão as badaladas dos sinos da histórica São João del-Rei, conhecida como “cidade dos sinos” por manter, ainda hoje, a tradição de toques específicos dos sinos para as diversas ocasiões e eventos. Em “A cidade dos sinos”, um poema ritmado e com uma profusão de onomatopeias, são mencionados os sinos das igrejas do circuito histórico da cidade e seus qualificativos. O sino da igreja do Rosário tem “badaladas de trovão” e o da Matriz “soa triste e feliz”:

Anjos tanger sinos  
 Em São João Del Rei, o dia inteiro.  
 Sinos de São João:  
 Dão... Dão... Dão...  
 [...]  
 Sinos do Natal, badaladas festivas  
 Que guiam fieis através dos caminhos  
 Iluminados pela estrela de Belém.  
 Blim... Blém... Blim... Blém  
  
 Sino da estação, batidas do coração.  
 Sinos de São João:  
 Dão... Dão... Dão... (OLIVEIRA, 2020, p. 71)

As Minas Gerais presentes nos poemas de Maria Zélia Oliveira expõe a tradição e a história de um tempo e uma rotina em que os eventos e situações comezinhas, como a xícara de porcelana que cai e se quebra, são atualizados pela memória afetiva que também é memória imaginativa. Recorrendo ao conceito de memória excessiva<sup>7</sup> de Lopes, podemos ponderar que o passado extravasa no presente, o seu excesso é o tecido da matéria poética. O passado surge como expressão renovada, como força viva. E nessa memória são recorrentes as imagens do mundo vegetal.

São inúmeras as referências à vegetação natural ou àquela criada por mãos humanas. Aí estão os jardins, as flores em abundância, as árvores frutíferas, os bosques, os campos e matas e tanto mais. Assim temos o poema “O quintal de Juvenal”, que, antes descuidado e cheio de mato, transforma-se num lugar aprazível graças à colaboração de familiares e amigos, indicando a amizade e a solidariedade.

Estão presentes o pé de manacá, as muitas rosas e roseiras, o velho e já inexistente abacateiro, a velha mangueira, a árvore na janela e tantas outras referências às plantas e ainda aos vários passarinhos que com elas compartilham seivas, sombras, ventos. Árvores como a mangueira e o abacateiro são trazidos à lembrança juntamente outros elementos naturais e pessoas como nos versos de “O abacateiro”:

O que foi feito daquele abacateiro,  
De asas abertas sobre o nosso terreiro?  
  
Égide gigante de frutos tantos!  
E era tanta fartura!  
Verde, o vasto manto de frescura,  
Júbilo de insetos, de pessoas e de pássaros.  
[...]  
Do Chico Belém, barriga inchada,  
Camisa rasgada, cigarro de palha, o que foi feito?  
Cheio de pressa, de prosa, de balaio e de fome?  
  
O que foi feito daquele abacateiro,  
De asas abertas sobre o nosso terreiro? (OLIVEIRA, 2020, p. 48)

7. Lopes no ensaio “Poesia, memória excessiva” discute a relação entre poesia e memória. No poema relata-se não o que aconteceu efetivamente, mas a sua possibilidade. A memória vai além fatos reais, é um conjunto de sensações, vibrações, do que pode não ter acontecido, mas que poderia acontecer. A emoção encontra-se na construção do recordável, ou seja, do momento que se forma a recordação, em outras palavras é um vazio preenchido pela memória

A presença insistente de elementos vegetais vai metaforizando sentimentos, sensações e situações diversas como o constante fluir do tempo, as transformações por que todos passam, o milagre da vida como nos poemas “A árvore”, “A roseira azul”, “O ipê”. E o tempo em seu curso inexorável é manifesto por imagens do estrato vegetal como em “Tempo de colheita”, “O jardineiro”, “A ceifa”. Nestes três poemas, o tempo é o jardineiro que virá com seu tesourão para ceifar a vida, mas não se trata de uma aniquilação completa do ser, pois da sega restarão as saudades e as sementes que frutificarão como se observa em “A ceifa”:

Nem chegara o tempo da ceifa  
Veio o grande Jardineiro

Do jardim, sobraram as raízes,  
Restos de fragrâncias,  
Sementes e saudades

Que espalhadas pelos pássaros,  
Pelos insetos e pelo vento,  
Frutificaram-se pelos caminhos. (OLIVEIRA, 2020, p. 159)

Na segunda orelha do livro, foi transcrita uma conversa de Maria Zélia com sua filha sobre a morte. Nesta, a filha pergunta:

- Mãe, você tem medo de morrer
- Não!
- Mas você nem acredita na vida após a morte, não tem medo de morrer e acabou?
- Não, eu acredito que nosso ciclo é como o ciclo de uma árvore, somos semente, árvore temos flores/frutos, depois morremos, mas nossas folhas, frutos, flores ...nossa matéria se espalhou na terra onde estava cravada, assim fica e ainda há um pouco de nós em cada coisa!<sup>8</sup>

A resposta à indagação da filha parece reafirmar a constante menção ao mundo vegetal, bem como sua celebração da vida.

8. “Conversa da Zélia com sua filha em agosto de 2019”.

Em *Coração do tempo*, a poeta reflete também sobre o próprio lembrar. São exercícios de metamemória, sobre essa própria dinâmica – fronteiras entre a memória e a imaginação. Segundo Jöel Candau, a metamemória se define:

por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva (CANDAU, 2012, p.23).

É o que se verifica em “Velha mangueira”, “Leve”, “O rio”, entre outros. No poema “Velha mangueira” lemos:

Alguém viu a minha velha mangueira?  
 Que me viu crescer,  
 Florescer e desvelar devagar  
 A parábola da realidade.  
 [...]

Reminiscências de um tempo  
 Cheio de doçuras, de promessas,  
 E de anseios brotando em pencas  
 Dos verdes ramos da imaginação.  
 [...]

A doce poupa  
 Que se esparrama no coração.  
 Sumo agridoce da ilusão. (OLIVEIRA, 2020, p.57)

Em “Minha canção”, o eu-lírico nos diz:

De um vergel que nem existe,  
 Ouço gorjeios de um sabiá.  
 Reinvento-me naquele passarinho,  
 Também me ponho a cantar.

Abrem-se janelas e asas,  
 Muralhas do tempo e do espaço.  
 Sons, aromas, gestos e imagens  
 Emergem do fundo poço do esquecimento.  
 Rasgando véus do tempo, laços e mágoas. (OLIVEIRA, 2020, p. 122)

Ao lembrar a mangueira de sua infância ou falar de um pomar, a voz lírica reflete sobre a dinâmica do lembrar e sabe o quanto de imaginação há nesse ato. Pois dos “dos

verdes ramos da imaginação” vão brotar “sons, aromas, gestos e imagens” que atravessam as janelas do tempo e ganham asas na escrita da poeta, escrita que inter-relaciona os tempos e desfazem as mágoas.

### **Considerações finais**

Assim, os eventos recuperados do passado não estão encerrados, pois reiterando Silvina Rodrigues Lopes: “aquilo que se actualiza nele e permanece inactual depende da faculdade de dar sentido às sensações, isto é, de construir o recordável delas” (LOPES, 2003, p.61). Então o recordar não se resume a trazer o acontecimento ao presente tal como foi, mas como vestígio, que não é simples resto, mas potência de ritmo e sentido.

Dessa forma, a escrita poética de Maria Zélia de Oliveira é memória ativa e dinâmica, pois não se restringe às recordações da autora, ela vai além e ativa as memórias e emoções do leitor. A poeta compõe um quadro harmonioso do passado com uma vivência interiorana mineira. Reviver memórias de algumas localidades através da escrita de Oliveira é uma herança que a poeta nos legou. Conforme Lopes (2003, p.63), as memórias abrem “corredores para as emoções”, produzem efeitos no leitor.

Na obra de Maria Zélia Vale de Oliveira, essencialmente escrita memorialística de várias faces encontramos a simplicidade e aparente monotonia das cidades do interior que guardam em seu “abismo” um fervilhar de eventos e sentimentos e também inquietudes e indagações humanas, como em seu último e inacabado poema “BORBOLETA EU SOU<sup>9</sup>”

Silêncio de chumbo solidão...  
 Desabo em meu abismo interior.  
 Que medo engole essa  
 percepção  
 de abandono vacuidade do  
 tempo...

Neste poema inacabado, a poeta mais uma vez recorre ao estrato natural, neste caso à borboleta. E contrastando com o título em que a palavra borboleta pode indicar leveza, cor,

9. Poema transcrito na quarta orelha da obra e datado de 24 de setembro de 2019.

temos versos que nos remetem à passagem do tempo. Os termos chumbo, abismo, abandono aludem ao tempo que pesa sobre o sujeito lírico. E em se pensando em tempo, no seu fluir, o rememorar se faz presente.

Em *Confissões*, Santo Agostinho afirma que o tempo e a memória são fundamentais para o entendimento da interioridade humana. A memória é, para o filósofo, essencial para que se compreenda a relação do ser humano com o tempo. Para Santo Agostinho, a memória pode ser considerada como uma busca de entendimento de si, de autoconhecimento e de conhecimento de mundo. E uma obra que é intitulada *Coração do tempo* temos já anunciado essa relação tempo – memória.

### Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*, 11 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

FENSKE, Eli Kürten. *García Lorca e os poetas brasileiros*. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/garcia-lorca-e-os-poetas-brasileiros/>

FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.

HALBWACHS, Maurice . *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições vértice.1990. Disponível em: <[http://minhateca.com.br/revistaperspectivahistorica/A+Mem\\*c3\\*b3ria+Coletiva-Maurice+Halbwachs,46380547.pdf](http://minhateca.com.br/revistaperspectivahistorica/A+Mem*c3*b3ria+Coletiva-Maurice+Halbwachs,46380547.pdf)>. Acesso em: 18 de nov. 2022.

HILST, Hilda. *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*. São Paulo: Globo, 2001.

LOPES, Silvina Rodrigues. "Poesia, memória excessiva" *In: Literatura, defesa do atrito*. Edições Vendaval, 2003.

GARCIA LORCA, Federico. "Canciones" *In: Obra poética completa*. Trad. William Agel de Melo. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

OLIVEIRA, Maria Zélia Vale de. *Coração do tempo*. São Paulo: All Print editora, 2020.

### **BRIEF PRESENTATION OF THE WORK *CORAÇÃO DO TEMPO*, BY ZÉLIA MARIA VALE DE OLIVEIRA**

**ABSTRACT:** this paper proposes a brief presentation of the book *coração do tempo* (2020) by the poet maria zélia vale de oliveira (1941). In the verses of the Xaverian poet, the act of rememory reconstructs, through imagination, the experiences of the lyrical voice in a small town in the interior of Minas Gerais. Unveiling the unlimited nature of memory, Oliveira's writing recomposes her history and the collective one in a daily life in which family, traditions, the inhabitants of her village, nature, and even her literary dialogues constitute matter for literary creation in which temporalities interrelate. To contribute to the investigation, we resorted to studies by Silvina Lopes Rodrigues among others.

**KEYWORDS:** *Coração do tempo*, Memory, Poetry, Imagination.